

WALSH, C. *GENDER DISCOURSE. LANGUAGE AND POWER IN POLITICS, THE CHURCH AND ORGANISATIONS*. LONDRES: LONGMAN, 2001, 236 PÁGS.

Resenhado por: Maria Cecília de Lima

Voltado para a discussão de questões acerca de gênero social, o livro de Walsh tem como objetivo desenvolver um quadro analítico que combina a Análise de Discurso Crítica (Fairclough 1989, 1992, 1995b; Chouliaraki e Fairclough, 1999) e uma ampla perspectiva feminista sobre discurso como prática social. A intenção é empregar esse quadro em investigação sobre a participação das mulheres em comunidades de práticas¹ previamente monopolizadas por homens. Uma questão discutida é se as mulheres aceitam práticas discursivas pré-existentes, não-criticamente, se elas as contestam e tentam mudá-las, ou se transitam estrategicamente entre essas posições, dependendo do que percebem como apropriado a determinada ocasião, o que para Walsh não se traduz em emancipação.

O modo como o gênero intersecta com o *habitus* institucional (Bourdieu, 1977) e com o *status*, bem como com a política de gênero adotada por cada mulher individualmente, foco do livro, sugere que outros critérios de identidade intersectam com o de gênero de forma que frequentemente duplicam as desvantagens das mulheres nas organizações.

O livro conta com seis capítulos nos quais, em sua maioria, são apresentados, além de conceitos importantes para a compreensão da discussão, resultados de pesquisas sobre gênero social na igreja, na política e em organizações, e uma parte destinada a conclusões e panorama geral do assunto apresentado.

No primeiro capítulo, intitulado *Aims and general theoretical issues*,

1 Segundo Eckert & McConnell-Ginet (1999, *apud* Walsh, 2001: 3): “uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que, unidas por um objetivo comum, desenvolvem e dividem modos de fazer coisas, de falar; crenças e valores.”

Walsh nos apresenta os objetivos do livro, bem como sua tese central que é a de que a coerção institucional, com a qual as mulheres têm de negociar avaliações estereotipadas do desempenho de seus papéis na esfera pública, tem contribuído para o processo de reestruturação discursiva. Um efeito disso tem sido que a natureza da dicotomia público-privado, pautada no gênero social, tem sido reproduzida na esfera pública que está em perigo de se tornar um sistema com dois níveis assimétricos, no qual a condição subordinada das mulheres é institucionalizada. Entretanto, as mulheres não têm aceito passivamente as restrições institucionais e discursivas que têm operado sobre elas. A autora afirma que as mulheres têm ajudado a promover uma tendência de contestação; sendo assim, as fronteiras discursivas entre as tradicionais esferas pública e privada têm se tornado cada vez mais fracas e permeáveis.

Algumas possíveis estratégias empregadas pelas mulheres que entram em comunidades de práticas tradicionalmente dominadas pelos homens são delineadas, ao mesmo tempo que são considerados riscos em potencial e vantagens de cada uma dessas estratégias. Isso tudo é discutido do ponto de vista de interesses profissionais das mulheres, individualmente, bem como do ponto de vista de objetivos feministas mais amplos, a saber, o de erradicar desigualdades baseadas em gênero.

No segundo capítulo, *Towards a feminist critical discourse analysis*, Walsh afirma que a Análise de Discurso Crítica faz uso do conceito foucaultiano de discurso relacionado ao social, sendo o mesmo constitutivo de identidades e de relações sociais. Porém, Walsh considera que abordagens da Análise de Discurso Crítica, incluindo a de Fairclough, marginalizam a importância das identidades e das relações pautadas no gênero e das desigualdades sociais para com as quais contribuem. Fairclough aceita que as relações de poder não se reduzem a relações de classe social; todavia, privilegia a classe acima de outras categorias.

A autora discute também as idéias de alguns autores como Mills (1995), Kress *et al.* (1997), Threadgold (1997), Fairclough (1995a), Halliday (1994) para, posteriormente, nos apresentar um quadro teórico baseado na Linguística Sistêmico-Funcional, enfatizando a divisão da função interpessoal sugerida por Fairclough (2001).

Ainda nesse capítulo, a autora investiga como a função interpessoal é realizada intertextualmente de modo que seja relevante para a produção, reprodução e transformação das identidades e das relações de gênero. Para tanto, a metodologia de coleta de dados é apresentada de forma detalhada, e procura interligar a análise detalhada de textos escritos, falados, visuais e intertextos, para uma análise de ideologias hegemônicas que operam em dois níveis do discurso, o institucional e o societário, o que contribui para a produção, manutenção e transformação das ideologias de gênero.

Nos Capítulos 3, 4, 5 e 6, Walsh investiga os diferentes modos como a função interpessoal produz, reproduz e transforma as relações e identidades de gênero.

No terceiro capítulo: *Women in the house. A case study of women labour MPs at Westminster*, o enfoque é sobre mulheres que entram na política britânica. Nesse capítulo, temos ilustrado que muitas mulheres adotam, na esfera pública, tipos de discurso avaliados negativamente pelos outros, em especial, pelos meios de comunicação. Ao julgá-las, a mídia se baseia em convenções e normas já aceitas, normas essas que ajudam a moldar negativamente as identidades de gênero das parlamentares deputadas, impedindo o desafio à cultura androcêntrica da Casa dos Comuns.

Devido à crescente importância dada ao discurso midiático na política, o preconceito veiculado pelos meios de comunicação contra as deputadas possui boas chances de minar suas habilidades para desafiar e mudar a cultura masculina da Casa dos Comuns. Porém, a perspectiva masculina do Parlamento e da mídia tem sido questionada por grupos monitorados por feministas.

Nesse capítulo, também é dada ênfase à comparação feita entre o número de mulheres que há na Casa dos Comuns e outras instituições. Nela, as mulheres possuem estabilidade. Porém, a maioria delas, parece ter interiorizado normas discursivas masculinas, em vez de desafiá-las. Mais que tratar as mulheres como um bloco homogêneo, deve-se notar que há diferenças entre as mulheres e entre mulheres e homens, diferenças essas que devem ser exploradas.

Em *Developing power, dissolving gender inequalities? A case study of the Northern Ireland Women's Coalition*, Capítulo 4, Walsh se volta para a análise

das contribuições realizadas pela coalizão de mulheres da Irlanda do Norte para nova assembléia da província e para as questões relativas aos ganhos e contratempos que as mulheres têm vivido em instituições políticas na Escócia e no País de Gales.

São consideradas as implicações da recente tendência de divisão pautada no gênero na política do Reino Unido. As mulheres têm provocado impactos nas prioridades políticas, bem como na linguagem e na estrutura do Parlamento escocês e isso tem fornecido suporte para o argumento de que a descentralização como um processo político deve ser bem-vinda pelas feministas. Em todas as situações em que houve descentralização, as mulheres têm procurado se beneficiar do espaço discursivo aberto pela mudança institucional, no sentido de aumentar suas participações no processo político de tomada de decisão. Porém, fica claro, para colegas políticas e para os meios de comunicação, que apenas a presença de mulheres na comunidade de prática não é garantia de um *ethos* simpático às mulheres. Mesmo assim, na Irlanda do Norte, têm sido assegurados os interesses das mulheres em sua assembléia. Essa é parte da discussão desse capítulo.

Em outra parte, temos a discussão detalhada a respeito da contribuição fornecida pela coalizão para a formação da assembléia, bem como os caminhos que têm contribuído para a reestruturação dos meios de comunicação. O capítulo faz uma avaliação crítica da utilidade de novas estruturas nos conceitos pautados em gênero, considerando os complexos e contraditórios modos pelos quais os meios de comunicação representam o envolvimento das mulheres em papéis da esfera pública.

Walsh nos mostra que a transição realizada pelas mulheres da Escócia, do País de Gales e da Irlanda do Norte de comunidades de bases para posições mais importantes na política tem favorecido um número cada vez maior de mulheres ouvidas em instituições responsáveis por decisões políticas. Em tais contextos, os meios de comunicação tiveram papel fundamental para moldar a percepção da intervenção que os grupos feministas têm feito para assegurar igualdade de gênero nas tomadas de decisões políticas e, em cada um deles, a reação dos meios de comunicação foi diferente. Na Escócia, os meios de comunicação são contra as conquistas das mulheres, bem como são indiferentes em relação a questões políticas

relevantes para as mulheres. Porém, na Irlanda do Norte, a cobertura dos meios de comunicação para a coalizão das mulheres da Irlanda do Norte (NIWC), que propõe um diálogo entre as diferenças, mais que a simples reafirmação de posições fixas, tem sido positiva. Contudo, mesmo sendo positiva, a cobertura desses meios tem servido para reforçar a ligação das mulheres com papéis da esfera doméstica no momento em que elas têm procurado construir identidades para elas mesmas, primeiramente, como atores sociais com credibilidade.

Já no quinto capítulo: *Consuming politics. A case study of the women's environmental network*, é sugerido que as comunidades de base podem proporcionar espaço de participação política para mulheres que talvez nunca possam contemplar um grupo político ativo mais formal. Ou seja, a atenção desse capítulo está mais voltada para o envolvimento das mulheres em comunidades de base e não para mulheres com posições em instituições do Estado, e esse campo pode constituir locais de participação política particularmente abertos para mulheres.

Walsh, nesse capítulo, aponta para o seu trabalho sobre as atividades da Rede Ambiental de Mulheres (WEN - *Women's Environmental Network*), sediada em Londres, que tem procurado explorar o papel das mulheres primeiramente como consumidoras, em vez de expandir o papel das mesmas como cidadãs ativas, além de observar que as mulheres acabam interiorizando características do *ethos* masculino desses grupos em suas práticas discursivas.

A autora analisa, ainda, práticas lingüísticas de homens e de mulheres, dentro do mesmo quadro de referência, comparando a Rede Ambiental de Mulheres com meios dominados por homens, tais como Amigos da Terra e *Greenpeace*. A exclusão virtual de normas femininas de algumas instituições da esfera pública e de organizações torna difícil a aceitação da acepção de Johnson (1997), que considera as normas femininas e masculinas como construções mutuamente dependentes em uma relação dialética.

Já o sexto capítulo: *Speaking in different tongues? A Case study of women priests in the church of England* tem como foco a discussão sobre se o envolvimento de mulheres na Igreja da Inglaterra, antes e depois de ordenadas sacerdotisas, poderia ser um marco na mudança de uma atividade em

comunidades de base para atividades em instituições do Estado.

Em campanhas para ordenação, as mulheres têm a oportunidade de atuar em práticas discursivas que desafiam definições masculinas do que é ser sacerdote; porém, ao serem ordenadas, passam a sofrer coerções das leis canônicas, pela estrutura da Igreja, bem como pelo modo como são percebidas e avaliadas pelos outros. Mesmo assim, a entrada de mulheres no sacerdócio tem provocado mudanças discursivas.

O interesse da autora nesse foco deve-se ao fato de a igreja poder ser considerada uma instituição mista, ou seja, liga a sociedade civil e o Estado. E sua influência é tanta que atravessa as fronteiras que tradicionalmente separam os domínios privado, civil e público.

Na seção destinada às conclusões, *Conclusions and overview*, Walsh aponta que trabalhos com foco em comunidades de prática dentro da esfera pública ajudam a mostrar uma ampla gama de modos como as mulheres negociam com normas discursivas ‘masculinas’ às quais elas confrontam, quando envolvidas em instituições do Estado ou comunidades de base.

Pudemos constatar que Clare Walsh explora a experiência da mulher envolvida em domínios lingüísticos tradicionalmente monopolizados pelos homens e considera o impacto que as mulheres têm provocado nas normas da língua(gem) que governam o discurso da esfera pública. Estudos de casos são usados em todas as pesquisas apresentadas no livro para ilustrar e analisar os tópicos ali abordados – as restrições operadas sobre as mulheres que têm negociado, elas próprias, papéis na esfera pública e estratégias de resistência que desenvolveram no sentido de superar tais restrições.

Enfim, este livro é recomendado não só para lingüistas, mas também para pessoas interessadas nas questões sobre feminismo, mulheres na política da Grã-Bretanha, mulheres e religião, ecofeminismo, retórica, como também para todas as pessoas que almejam uma visão sólida das discussões mais recentes acerca desses tópicos, pois a obra constitui inestimável estímulo à reflexão e à pesquisa sobre questões de gênero. Apresenta, ainda, como ponto positivo, a ampla pesquisa bibliográfica da qual podemos nos valer para enriquecer a discussão a respeito das questões de gênero.

Contudo, uma ressalva deve ser feita, o livro apresenta diversos conceitos e discussões densas, o que pode oferecer dificuldades para o(a)

leitor(a) iniciante, não se constituindo, porém, desmotivação para a sua leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourdieu, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- Chouliaraki, L. & Fairclough, N. *Discourse in late modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- Eckert, P. & McConnell-Ginet, S. New generalisations and explanations in language and gender research. *Language and Society*, 28 (2): 185-201, 1999.
- Fairclough, N. *Discurso e mudança social*. Coord. trad. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. (Original: *Discourse and social change*, 1992).
- . *Media discourse*. Londres: Edward Arnold, 1995a.
- . *Critical discourse analysis*. The critical study of language. Londres: Longman, 1995b.
- . *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- . *Language and power*. Londres: Longman, 1989.
- Halliday, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2^a ed. Londres: Edward Arnold, 1994.
- Johnson, S. *Theorizing language and masculinity*. A feminist perspective. In: S. Johnson & U. H. Meinhof (orgs.) *Language and masculinity*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 8 - 26.
- Kress, G. *et al.* Discourse semiotics. In: T. van Dijk (org.) *Discourse as structure and process*. Londres: Sage, 1997, p. 257-91.
- Mills, S. *Feminist stylistics*. Londres: Routledge, 1995.
- Threadgold, T. *Feminist poetics*. Poiesis, performance, histories. Londres: Routledge, 1997.